SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

PORTE PAGO AVENÇA

ANO XXXIV

31 DE MARÇO DE 1978

N.º 392

Avulso Esc. 7$50

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Saraiva de Carvalho, 97 — LISBOA-3 — Telef.: 603778 — Teleg. YMCAPORT

NO ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

QUE VAMOS FAZER COM A CRIANÇA?

Por EDUARDO RIBEIRO

O ano de 1979 será designado como «Ano Internacional da Criança». A UNICEF dedicou tanta importância a este acontecimento, que desenvolve já intensa campanha para que esta oportunidade seja aproveitada de forma a despertar maior atenção aos direitos da criança, às suas necessidades e aos deveres dos adultos para com elas.

O tema é aliciante e o Movimento Escoteiro não poderá ficar-lhe indiferente, razão por que a Secretaria Mundial lhe dedica já particular atenção. Também a Aliança Nacional das ACMs inscreveu o assunto nos seus planos de trabalho. Neste contexto, *Sempre Pronto* procurará igualmente dedicar todo o interesse ao estudo dos importantes objectivos da comemoração.

Logo que tomamos contacto com o problema, surge a primeira interrogação: — Que vamos fazer com a criança neste ano que lhe vai ser dedicado? Certamente não vamos ficar pelas habituais e simples «festinhas» infantis; actos de caridade ocasionais; improvisadas provas desportivas de discutível utilidade; serões musicais e excursões. Teremos de ir mais longe.

O Ano Internacional da Criança será útil na medida em que se orientar para objectivos mais elevados e despertar a atenção dos adultos para os problemas que afectam a criança.

Sem dúvida, será muito útil sublinhar a Declaração dos Direitos da Criança e rememorar os seus princípios. «*Todas as crianças, absolutamente sem excepção, serão credoras destes direitos (uma infância feliz, alimentação, habitação, saúde, educação, etc.) sem distinção ou discriminação por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição, quer sua ou de sua família*». Este e outros princípios, consignados na referida declaração, têm extraordinária importância, mas as pessoas não se sentem por eles motivados. Erradamente julgam que só ao Estado compete realizar tais objectivos.

O Ano Internacional da Criança deverá ter como primeira finalidade consciencializar os adultos para os seus deveres imediatos em face da criança. A grande pedagoga e educadora que foi Maria Montessori afirmava que «a criança observa as coisas apaixonadamente e é atraída por elas. Mas atraem-na mais ainda os actos dos adultos — quer conhecê-los e reproduzi-los. O adulto poderia realizar uma espécie de missão: a de inspirador das acções infantis; um livro aberto em que a criança poderia descobrir as directrizes dos seus próprios movimentos e aprender tudo o que é necessário para os executar bem». Nesta receptividade infantil reside a grande responsabilidade do adulto, obrigado constantemente a constituir-se modelo exemplar que se oferece à inteligente observação da criança.

Tem sido salientado com muita frequência — e é muito correcta essa crítica — que a criança é forçada a viver num meio preparado à medida dos adultos e para lhes ser útil. Poderemos ilustrar este facto com a imagem da criança em bicos dos pés, inutilmente debruçada para alcançar a

Continua na pág. 7

O ESCOTISMO E A RELIGIÃO

Apontamentos coligidos por Albano da Silva

«SCOUTING FOR BOYS» — *Baden-Powell*

Religião (pág. 249 *World Brotherhood Edition*)

Os antigos cavaleiros eram muito devotos. Tinham muita preocupação em tomar parte nos serviços religiosos, em especial antes de partirem para uma batalha ou quando estavam empenhados numa empresa difícil. Para eles, era fundamental estar preparados para a morte. Não só adoravam a Deus nas igrejas, como também reconheciam a Sua obra em todas as coisas que Ele criou, os animais, as plantas e em todas as manifestações da Natureza.

É o que acontece com os escoteiros hoje em dia. Para onde quer que vão, estes mensageiros de paz nutrem amor pelas florestas, pelos montes e prados e gostam muito de observar e conhecer os animais que habitam nesses lugares, assim como as maravilhosas flores e as plantas.

Nunca um homem poderá ser suficientemente bom se não crer em Deus e obedecer aos Seus mandamentos. Portanto, todo o escoteiro deve seguir uma religião. A religião é uma coisa bastante simples: *Primeiro*: Amar e servir a Deus. *Segundo*: Amar e servir o próximo.

Prometo, por minha honra, fazer todo o possível por:

— Cumprir os meus deveres para com Deus e o Rei (*ou* a Pátria).

«*A CAMINHO DO TRIUNFO*» — *Baden-Powell*

Irreligião (pág. 193)

O lado escuro deste ESCOLHO é o perigo do ateísmo e da irreligião.

O lado luminoso é a compreensão de Deus e o bem servir o nosso semelhante. O estudo da Natureza é um passo imediato para esse fim.

Continua na pág. 7



Vítor Jorge da Silva Morais

Vítima de trágico acidente rodoviário, faleceu recentemente o escoteiro Vítor Jorge da Silva Morais, de 19 anos de idade.

Filho do nosso estimado camarada EC Virgílio da Silva Morais, tinha ingressado no nosso movimento, como lobito, em 1966, no Grupo 9, donde transitaria mais tarde, para o Grupo 19, onde prestaria compromisso de honra em 1970.

Vítor Morais era um dedicado escoteiro, como o atestam os vários louvores que recebeu e o colar e *pinha de prata* que lhe foi conferido em 1968 por ter sido o segundo classificado no concurso do *melhor lobito*.

Ao nosso companheiro Virgílio Morais e a sua Esposa, acompanhamo-los nesta hora de provação.

Armando Lino

Já quando o nosso jornal estava composto, fomos colhidos de chofre pela notícia do falecimento deste nosso muito prezado amigo.

Ao infausto acontecimento nos referiremos no próximo número.

Escotismo na Madeira

Grupo n.º 24 — AEP — Funchal

Esta unidade escoteira do Funchal, que conheceu já um período de grande actividade, está a reiniciar intenso programa de acção.

Aos domingos, das 10 às 11 horas, na estação local da Radiodifusão Portuguesa, o grupo realiza um programa radiofónico intitulado «Baden-Powell».

Também no jornal do Funchal «Diário de Notícias» voltará em breve a ser publicada a «Página do Escoteiro».

Para divulgação do movimento, o grupo editou folhinhas de calendário e impressos acerca do Dia do Pensamento.

C.

A Associação das Guias de Portugal evoca Baden-Powell e Olave Baden-Powell

Por ocasião do *Dia do Pensamento*, que passou no dia 22 de Fevereiro p.p., as Guias de Portugal levaram a efeito diversas cerimónias em memória de Lorde Baden-Powell e de Olave Baden-Powell, que faleceu no ano que findou.

Esta iniciativa teve lugar no Jardim Flori, na cidade do Porto, e consistiu numa celebração religiosa, num encontro-convívio e numa sessão cultural em que as guias presentes tiveram oportunidade de mostrar os talentos que possuem.

Administração

Pagamento de assinaturas

Tem tido uma resposta muito agradável o nosso apelo para que nos sejam enviadas as importâncias das assinaturas de «Sempre Pronto», apelo que visa especialmente os nossos assinantes de fora de Lisboa, já que a despesa de cobrança postal tem um preço exorbitante. Este mês recebemos os seguintes valores remetidos pelos senhores:

PATROCINADORES

Fernando Gomes — S. Mamede de Infesta	150$00
Grupo 24 — AEP — Funchal	100$00
António Encarnação Amêndoa — Alverca	100$00
D. Perpétua C. Nascimento Penim	100$00
Amílcar Fernandes	120$00
João Lobo Miranda Trigueiros — Olhão	150$00
Carlos Alberto Filipe — Cova da Piedade	100$00
Dr. Ernesto Moreira — Caldas da Rainha	150$00
Amândio Moreira Dias	150$00
Fernando da Cunha Osório — Porto	100$00
Arnaldo Eduardo Couto — Vila Nova de Gaia	100$00
Fernando Gomes Carrão	100$00

OUTROS ASSINANTES

Manuel Ferreira Pinto — S. Mamede de Infesta	75$00
António Trindade Cabral — Santarém	90$00
Joaquim Alberto G. Lourenço — Caneças	75$00
Rafael Cortês N. Oliveira	75$00
Manuel Peixoto	75$00
Rev. P. Américo Ferreira Alves — Braga	80$00
Grupo 58 — AEP — Porto	60$00
José Viana Alves Martins — Viana do Castelo	75$00
Sebastião G. Silva — Estados Unidos	125$00

A todos estes nossos amigos e colaboradores apresentamos o nosso muito agradecimento.



O Grupo n.º 7 (AEP) em actividade

No domingo, 26 de Fevereiro, comemorou o Grupo 7 o dia de B.-P., com uma actividade de cidade, a qual foi denominada «Operação B.-P». Nessa actividade, participaram quatro patrulhas, num total de vinte elementos. Cada patrulha foi encarregada, por meio de missiva em código, de visitar um museu determinado e fazer o respectivo relatório. Numa segunda parte, os escoteiros fizeram um inquérito, baseando as perguntas na última mensagem de Baden-Powell. Apesar do mau tempo que se fez sentir, a actividade foi levada a bom fim e com agrado da parte de todos. — Serviço de Imprensa do Grupo 7.

Ex-dirigentes associativos reúnem-se em almoço de confraternização

À semelhança do que acontecera em Fevereiro do ano passado, seis ex-dirigentes dos Serviços Centrais da AEP, Almirantes Tengarrinha Pires e Diogo Afonso, Eng.os Nobre Santos e Manuel Lopes Peixoto, Luís Grau Tovar de Lemos e Albano Silva, estiveram reunidos num almoço muito animado no dia 23 de Fevereiro último (não o tendo feito no dia anterior — Dia do Fundador — por manifesta impossibilidade).

Evidentemente que muito se falou do passado, do presente e até mesmo do futuro da AEP.

É esperado novo encontro, de igual natureza, no próximo 25 de Outubro — Dia da *Fellowship*.

João Trigueiros

UM JOVEM... DE 90 ANOS



Tivemos muito prazer em tomar conhecimento de que o nosso estimado companheiro João Lobo de Miranda Trigueiros completou recentemente os 90 anos de idade. E tivemos imenso prazer com essa notícia, porque sabemos que esta dedicado dirigente escotista, apesar da sua idade, continua a dar mostras de grande vivacidade e lucidez nas suas iniciativas do dia a dia.

Nascido em Santarém, João Trigueiros bem cedo se fixou em Olhão, tornando-se depressa um verdadeiro algarvio de alma e coração.

Em dada altura, tendo-se dedicado ao jornalismo, publicou nalguns jornais daquela província várias crónicas, reportagens e campanhas que lhe granjearam justa reputação. Em especial, tiveram assinalado êxito as campanhas que levou a cabo a favor dos bombeiros e dos parques de campismo algarvios, esta como forma de captação do turismo, nessa altura ainda incipiente naquelas paragens.

Mas o seu grande amor é o movimento escotista. Há longos anos que, quase continuamente, João Trigueiros vem desempenhando tarefas no nosso movimento, sempre revelando o maior entusiasmo e dedicação. Desde escoteiro-chefe do Grupo 6, de Olhão, e fundador do Grupo 59, de Tavira, até delegado regional, comissário regional, chefe regional e delegado dos Serviços Centrais, passando por delegado da Fraternal no Algarve, todos esses lugares, e outros, tem desempenhado este dedicado escoteiro, sempre com a mesma galhardia, sempre com a mesma dedicação e entusiasmo.

E nada há no movimento que não lhe mereça o interesse. Ainda agora ele acaba de nos escrever, felicitando *Sempre Pronto* por mais um aniversário e agradecendo à equipa que corajosamente, nas suas palavras, tem suportado o pesado trabalho de o manter útil, eficiente, competente, interessante, dinâmico, indispensável.

Pois os que aqui trabalham desejam retribuir-lhe com iguais votos os que João Trigueiros lhes endereçou: pois que o velho-novo escoteiro João Trigueiros continue a servir a nossa causa, por muitos anos e bons!

Madame Claire de Cazenove

Esta dedicada dirigente guidista, que desde há longa data tem revelado um grande interesse pelos movimentos escotista e guidista portugueses e por tudo quanto se relacione com o nome do nosso país, foi recentemente nomeada vice-presidente da *Fédération des Éclaireurs et Éclaireuses Unionistes de France.*

As nossas felicitações e os desejos dos maiores êxitos no desempenho do seu novo cargo.



HÁ 20 ANOS

"SEMPRE PRONTO"

PUBLICAVA:

Algo para pensar

Irmão Escoteiro:

Talvez tenhas sido vítima de um mal bastante comum, do qual poucos se podem excluir e que faz a vida pesada e sem sentido ou, pelo menos, lhe tira grande parte do seu incalculável valor.

Esse mal chama-se ROTINA. Se tens a desgraça de o possuir, desfaz-te dele, e quanto antes melhor.

A ROTINA é aquilo que nos faz ver as coisas mais importantes como algo sem nenhum valor, pelo facto de as fazermos com frequência. E, assim, donde poderíamos tirar grande proveito, só tiramos grande dose aborrecimento ou não tiramos nada. (...)

Se já não te dá entusiasmo fazer a Boa Acção diária ou a fazes simplesmente para cumprir, tornou-se rotineira Se as actividades da tua vida escoteira não representam já grande coisa para ti, talvez o Escotismo se esteja tornando rotineiro. (...) Se essas virtudes que devem caracterizar um Escoteiro não têm já sentido para ti, tudo isto se tornou rotineiro e algo no teu íntimo necessita de renovar-se completamente.

A vida é grande e o seu valor deriva única e exclusivamente da grandeza dos nossos actos. Portanto, estes devem ter vida, devem ter espírito. Mas onde há rotina não há vida, não há espírito, não há nada.

A questão é séria. É para ser pensada e decidida. Ou pomos todo o coração na nossa vida diária e nos seus actos ou não vale a pena a nossa vida.

Avestruz Alegre

(De *Revista Scout de las Américas*)

DIA 21 DE MARÇO «DIA DA ÁRVORE»

A Associação das Guias de Portugal respondeu «presente»

Em 21 de Março, foi comemorado em todo o mundo o *Dia da Árvore*. Trata-se de uma iniciativa de transcendente interesse para o futuro do homem, sabendo-se como é extraordinário o papel da vegetação na salvaguarda das condições de vida dos animais.

A Associação das Guias de Portugal não perdeu a oportunidade de mostrar o seu espírito de serviço e a compreensão que tem os grandes problemas da nossa era. Assim, no domingo 11 deste mês, as simpáticas guias compareceram, em grande número, no Bairro da Federação, junto à Avenida do Dr. Antunes Guimarães, no Porto, para procederem à plantação dalgumas dezenas de plátanos, essas gigantescas árvores que oferecem nos dias quentes do estio sombra generosa aos viajantes. As árvores, oferecidas pela Junta de Freguesia de Ramalde, foram plantadas por alegres raparigas dos seis aos vinte anos, de várias companhias de guias da Capital do Norte. Alguns escoteiros também deram o contributo do seu interesse a esta útil iniciativa.

Em Vila Nova de Gaia também decorreu uma cerimónia semelhante, esta apenas com a presença dos alunos de uma escola primária local, graças ao apoio da Casa-Museu de Teixeira Lopes, a qual, dias depois, levaria a cabo a quinzena *O homem e a árvore*, durante a qual serão projectados filmes e diapositivos e organizados colóquios sobre este tema. No jardim desta instituição também foram plantadas algumas árvores.

VAI REUNIR-SE A CONFERÊNCIA DE DIRIGENTES

Conforme seria de calcular em face de certos acontecimentos ocorridos ultimamente nos Escoteiros de Portugal, vai reunir-se a Conferência de Dirigentes, possivelmente no primeiro sábado do próximo mês de Junho.

Além da apreciação dos trabalhos associativos e dos actos da Direcção, bem como da eleição do presidente da Direcção, isto de acordo com o preceituado nos estatutos, a actual Direcção vai fazer incluir na agenda dos trabalhos a revisão dos estatutos que não foi possível fazer na anterior Conferência. Além disso, foram convidados os membros da Conferência a propor outras questões que desejem ver tratadas na reunião.

NA MORTE DE «CHARLOT»

Morreu Charlot. Perdão! quem morreu foi Sir Charles Chaplin: Charlot já estava morto havia muitos anos...

Teria ele, de facto, morrido? O acontecimento ocorrido no dia de Natal do ano passado tomou relevo especial em todo o Mundo por se tratar de alguém que se elevara ao mais alto nível da escala social pelo seu talento histriónico e também de cineasta realizador, um dos maiores dos meados deste século, a quem a Rainha da Grã-Bretanha poucos anos antes nobilitara, gesto que coroou a carreira do glorioso actor.

Charles Chaplin teve, assim, a satisfação de ver ainda vivo a consagração não só por parte do grande público do Mundo inteiro, mas também a do meio oficial da sua terra, recebida da mão de quem ocupava o mais alto lugar na hierarquia social e política. A satisfação pessoal de ter conseguido fundar finalmente um lar estável tivera-a ele antes, ao consorciar-se com a filha do grande dramaturgo O'Neill, embora este parecesse não ter sentido qualquer prazer em vê-la ligar o seu destino ao de Charles Chaplin, havia muito já consagrado pelas plateias americanas e europeias.



No museu londrino de Madame Tussaud, de figuras de cera, Charles Chaplin encontra-se ao lado da figura de Lorde Baden-Powell.

À gente nova de hoje o nome de Charlot nada diz: há longos anos deixara de ver-se passar nos écrans qualquer filme seu, embora nos nossos televisores se tivesse exibido uma série deles de curta metragem comentado pelo tradutor da sua autobiografia, o cineasta António Lopes Ribeiro.

Para os rapazinhos do meu tempo de criança, um filme de Charlot era uma festa, sempre com estridentes gargalhadas, com que se extravasava a nossa juvenil alegria e se tornava comunicativa. A nossa mentalidade infantil só se sentia capaz de saborear o cómico inexcedível do Charlot na rua da Paz, de O Imigrante, de Charlot prestamista, de Charlot nas trincheiras e de muitos outros em que os gags inesperados e irresistíveis faziam à surpresa suceder-se imediatamente gargalhadas monumentais de «deitarem a casa abaixo». Creio que até dos adultos pouquíssimos teriam então sido tocados pos esse quid indefinível, quase oculto no meio das peripécias cómicas que se sucediam quase ininterruptamente. Se outros cómicos seus contemparâneos, como Harold Lloyd e Buster Keaton, partilhavam com Charlot da popularidade das plateias, em nenhum dos filmes destes se sentia a velada atmosfera de tristeza que às vezes se desprendia dos de Charlot, como por exemplo A Quimera de Oiro, filme de grande metragem, dos últimos em que o Charlot clássico apareceu com o seu fraque coçado, o seu coco inconfundível, a sua bengalinha flexível, as suas botas fenomenais.

É que a biografia do grande cómico era praticamente desconhecida: ignorava-se até como ele fora parar à América do Norte, ido da sua gigantesca Londres. O que se tornava motivo de conversa e mesmo de censura entre as gentes prudes eram os seus vários divórcios, e, nos tempos que antecederam de pouco o seu regresso à Europa, o apodo de «comunista», lançado em certos meios americanos. Charlot, embora se fixasse nos Estados Unidos ainda muito jovem, nunca chegara a americanizar-se mentalmente. E sendo actor e autor de filmes que todo o mundo tinha por próprios de crianças e de adolescentes, a sua mentalidade não era, nunca foi infantil: a demonstrá-lo estão os filmes Luzes da Cidade e Monsieur Verdoux, e em O Ditador fez ele uma das mais inteligentes críticas ao totalitarismo que se tem visto até hoje.

Nascido em Londres, num dos seus bairros mais miseráveis, e cedo órfão de pai, a miséria foi sua fiel companheira até entrar na mocidade. Tendo exercido os misteres mais baixos em idade em que tais coisas traumatizam para sempre um espírito, creio ser isso o que subjaz à efabulação da longa série dos seus filmes e se estampa com evidência tantas vezes no seu olhar triste nos momentos mais cómicos da acção.

Esse passado traumatizante transvasou-o ele para os seus filmes, válvula de escape, portanto de segurança para o seu espírito de antigo marginal da sociedade. Daí sempre a defesa, implícita ou explícita, dos desprotegidos, que o levou a criticar, às vezes com dureza, a sociedade americana com a qual tivera os primeiros contactos ainda na época de domínio dos trustmen, atitude que levou o homem-da-rua norte-americano a apodá-lo de comunista.

Se Molière, em plena corte do poderoso Luís XIV, por entre as gargalhadas da plateia criticava, por vezes com ironia feroz, a nulidade e os ridículos dos cortesões, do que o Rei Sol muito se ria, na nossa época Charlot, digno émulo do autor de Le Bourgeois gentilhomme, fez rir as plateias de todo o mundo; mas impressionou ao mesmo tempo aqueles que se aperceberam do reverso da medalha.

Tudo isso, porém, escapa aos jovens de hoje, exactamente porque, além do «clima» hoje dominante ser totalmente diverso do dos anos 20 e 30, os filmes de Charlot, além de desconhecidos dessa juventude, não lhe devem ser acessíveis, talvez mesmo pelo aspecto do seu cómico. Sic transit gloria mundi...

Num mundo convulso, em que os instintos mais primitivos parecem ter quebrado os diques que uma civilização multimilenar haviam oposto à animalidade ancestral, e quando os homens se debatem numa confusão mental indescritível, a lição dos grandes espíritos será o antídoto para toda a espécie de venenos coloridos que esses instintos espalharam pelo mundo.

E quando um dia se fizer o estudo definitivo da influência, benéfica ou nefasta, do cinema, em particular o americano, no espírito dos homens, creio bem que dois nomes sobressairão luminosamente de entre a coorte quase inumerável de produtores e realizadores que deixaram rasto indelével: Walt Disney, a quem um dia, neste mesmo lugar, chamei com justiça «Mago do Cinema», e Charles Chaplin, Charlot, o imortal self made myth.

A. ÁLVARO DÓRIA

PÁGINA DO ESCOTEIRO



Para ti, irmão escoteiro

AS BOAS MANEIRAS



Já alguém considerou a cortesia como o lubrificante das relações sociais. Nenhuma comparação será mais pertinente se pensarmos nos mil e um atritos e nas constantes quezílias evitáveis se se soubesse usar deste excelente condimento do trato social.

Infelizmente, observarmos que as relações humanas estão presentemente a revelar uma aflitiva falta de tacto e de delicadeza. Seja nas ruas, nas lojas, nos transportes públicos, no tráfego urbano e nas estradas, a polidez, o respeito e a consideração por outrem estão ausentes em grande parte das vezes. E é pena, porque tal é um sintoma pouco tranquilizante da sanidade das relações humanas.

Conta-se que o rei Eduardo VII, quando príncipe de Gales, tendo convidado um operário para a sua mesa, este, em determinada altura e contra todas as regras do protocolo, pôs-se a tomar o café pelo pires. Tal atitude originou certo constrangimento nos outros convivas, que, a certa altura, revelaram até certo ar de mofa. O príncipe, dando conta do que se passava e dos inconvenientes que tal atitude representava, não teve a mínima hesitação para a debelar: seguindo o exemplo, mau exemplo convenhamos, do seu desajeitado convidado, vasou ele próprio o café no pires e bebeu também por ele. Todos compreenderam a lição que lhes estava sendo dada e acabaram por fazer o mesmo: todos beberam do pires!

Baden-Powell também não desconhecia, como é óbvio, o valor das boas maneiras. Na Lei do Escoteiro lá está: O Escoteiro é cortês... Porém, o Chefe, que também era um campeão da delicadeza no dia a dia das suas actividades, faz incidir as suas recomendações em especial no trato com as mulheres, embora não fiquem dúvidas acerca do seu desejo quanto à generalização dessa norma nas relações sociais.

Dizia Voltaire, homem inteligente e esclarecido, que a delicadeza é para o espírito o que a formosura é para o rosto. Sendo assim, não se deve negligenciar a sua utilização, não só pela conveniência que nisso teremos, mas também por mostrarmos assim respeito pelo nosso semelhante.

É, porém, necessário que a cortesia e a delicadeza sejam em nós manifestações naturais, sem afectações ou constrangimentos, o que só se consegue pelo seu uso quotidiano em todas as oportunidades. Aqueles que porventura ainda não dominem essa forma de proceder, deverão entregar-se a um cuidado trabalho de aperfeiçoamento pessoal, tarefa que os escoteiros têm a obrigação de impor a si próprios, como uma contribuição decisiva para a sua valorização pessoal.

É que as boas maneiras são algo que um Escoteiro não pode deixar de conhecer e reconhecer.

Vamos a isso?

Uma *canhota* do
Pinguim do Meio-Dia

Campismo e protecção da Natureza

(Continuação)

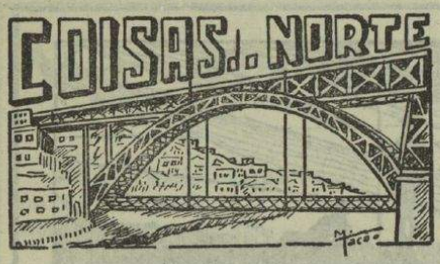
As fossas; as valas e os buracos

A erva protege a terra. Se se a arranca, ao fazer um buraco, está criado o perigo de erosão. Os escoteiros não devem por isso abrir covas no chão, se não tiverem boas razões para tal. E se as cavarem, deverão guardar os torrões ervosos para os tornarem a colocar no antigo local, uma vez tapada a cova. Quando é que se deve abrir uma cova? Pois bem, quando não há, por exemplo, latrinas no acampamento, é preciso fazer uma. Escolhei um lugar retirado do acampamento e afastado dos locais de água (poços, fontes, ribeiros). Resguarda-o, se ainda o não está, com sebes ou árvores. Destacai com cuidado os torrões com ervas e colocai-os em local onde possam ser regados e conservados até ulteriormente voltarem a ser dispostos no antigo local. Cavai uma vala. Com metade da terra, fazei um monte num dos lados da vala. Cada vez que a latrina for usada, deitai um pouco dessa terra a fim das fezes ficarem cobetras. Colocai a outra metade da terra num saco de plástico e levai-o para o acampamento. Utilizá-la-eis como base para a fogueira a fim de protegerdes a erva do fogo. Quando desmontardes o acampamento tornareis a colocar a terra na vala acamando-a e dispondo novamente a relva húmida no seu lugar. Em geral as tendas de campanha podem ser armadas num sítio onde não há necessidade de abrir uma vala. Se houver o risco de a água jorrar no chão da tenda, então é conveniente rodeá-la cuidadosamente com um rego. Como fizestes para a latrina, deveis conservar cuidadosamente os torrões ervosos para os fazer voltar ao seu sítio antes de abandonardes o acampamento. Velhos livros de campismo aconselham a fazer uma cova para as ancas e para os ombros com o fim de se ter uma cama feita no próprio solo. Mas chegou-se já à conclusão que se pode obter igual conforto ao utilizar-se o vestuário e coberturas para elevar os lugares da cabeça, do meio das costas e das curvas dos joelhos. Isto evitará que se estrague a erva e o solo ao fazer essa abertura no chão.

Poluição da água

A poluição pode partir da vossa cozinha de campo, da água com que vos lavais ou das latrinas. No acampamento, utilizai, como produto de lavagem, o sabão de preferência a detergentes. O sabão não é nocivo como o detergente. Construí as latrinas longe de lagos, de cursos de água ou de qualquer outro ponto de água. Os esgotos são presentemente a causa principal da poluição da água. Fazei o vosso melhor no sentido de evitar a erosão».

Campismo e Protecção da Natureza («Camping and Conservation») foi publicado em colaboração com o Fundo Mundial para a Protecção da Natureza. Os exemplares desta edição (30 páginas, formato A 8) podem ser obtidos junto da Secretaria Mundial do Escotismo ao preço de 1,25 francos suíços cada um. Esta edição é em inglês, assim como outras sobre assuntos congéneres editados por este Fundo.



O Escotismo no Norte cresce dia após dia

Lamego em foco

Aquando da inauguração do Grupo n.º 49 — D. Egas Moniz, de Lamego, em 2 de Maio de 1976, o então adjunto do Grupo e hoje chefe do mesmo, Humberto Costa, disse que o Escotismo no Norte e na região de Lamego, teria de ser uma realidade. Assim está acontecendo, pois actualmente este grupo tem quase duas centenas de jovens escoteiros, espalhados pelas freguesias vizinhas de Lamego, Penude, Cambres, Souto-Covo, Sande, Valdigem e Avões.

A sede do grupo é no castelo da cidade. Na praça do castelo têm os jovens um campo relvado e ajardinado onde praticam escotismo autêntico, um verdadeiro campo-escola.

As autoridades locais muito têm contribuído para o desenvolvimento das actividades. O governador civil, presidente da Câmara e os presidentes da Comissão Regional de Turismo e da Casa de Cultura, têm por este grupo grande estima, devido à pronta colaboração que ele dá em todos os sectores.

São centenas os turistas que durante o ano visitam o castelo, transformado num autêntico museu escotista e onde as três secções do escotismo têm as patrulhas e equipas que são a admiração dos visitantes.

Os alunos das escolas e do liceu, acompanhados dos professores, visitam amiudadas vezes o castelo para mostrarem aos jovens os trabalhos que os Escoteiros de Portugal têm na sua sede.

No passado domingo, dia 12, foi inaugurado o Grupo n.º 54, na vizinha freguesia de Cambres, que antes estava ligado ao 49.

O compromisso de honra, realizado na igreja paroquial, com a presença do pároco, foi uma manifestação que comoveu as centenas de pessoas que enchiam por completo o templo. O chefe do Grupo 49, Humberto Costa, recebeu o compromisso dos 30 novos elementos que, com os 22 existentes, prefazem 52 escoteiros.

Na altura, o pároco da freguesia, assim como o chefe Humberto Costa dirigiram palavras aos escoteiros, aos pais e a todos os jovens que se encontravam na cerimónia. No final, na sede do 54, foi servido um «vinho fino de honra» a todos os presentes, entre os quais se encontravam as autoridades administrativas da freguesia, os grupos de Lamego, da Régua e de Moimenta da Beira e ainda delegações dos novos grupos a fundar que ainda estão ligados ao grupo de Lamego.

No largo principal da freguesia, foi cantada a canção *Adeus!* à qual se associaram os familiares e madrinhas dos novos escoteiros. — C.

Os 60 anos de vida artística de Carlos Botelho

O Pintor Carlos Botelho, para além da aura que conquistou, mercê dos invulgares dotes artísticos que possui, é um nome que diz muito aos escoteiros, visto que, tendo passado pelo movimento escotista na sua mocidade, teve o privilégio de aqui encontrar alguém muito grande entre os educadores portugueses — o Dr. Sá Oliveira — de quem Carlos Botelho se sente imensamente devedor, pois que para sempre o havia de marcar e exercer benéfica influência na carreira que abraçou.

Assim, este homem das Belas-Artes encontra-se, ainda hoje, volvidas tantas décadas, convicto das aptidões do método de B.-P. para a formação da juventude, quando devidamente aplicado.



Carlos Botelho está agora comemorando os 60 anos da sua carreira artística, onde continua a manter laboriosa e fecunda actividade, pois prossegue, em ritmo surpreendente, a oferecer-nos os apreciados produtos da sua maravilhosa paleta.

Que assim continue por largos e fecundos anos, para a alegria dos familiares e amigos e para o enriquecimento das Belas-Artes na nossa terra.

O Trabalho do Grupo (3)

Continuação da pág. 8

rais, que todos aceitam e a que todos obedecem.

6. Existe permanentemente uma tensão de forças no seio do grupo, pelo que se torna necessário muitas vezes substituir o guia. Com efeito, surge por vezes a altura em que este já não corresponde às exigências duma qualificação que é igualmente disputada por outros. Nesta luta, ocorrem as soluções mais surpreendentes, nas quais se pode observar toda a gama dos mais diversos comportamentos.

7. Há sempre uma força interior que mantém a unidade do grupo, quando este se propõe alcançar um objectivo que desafia, quer a ele, quer aos seus membros, e para o qual se inclina. Esta própria força destruirá o grupo, caso este renuncie à conquista desse objectivo.

8. O fim a atingir é a criação de um indivíduo maduro, capaz de exercer acção pessoal simultaneamente em vários grupos, capaz de desempenhar papéis diferentes sem deixar de demonstrar um justo equilíbrio entre os próprios interesses e os do grupo.

Um indivíduo maduro e são deve ser capaz de preencher vários cargos em grupos diferentes, tal como um bom actor deve ser suficientemente dotado para desempenhar diversos personagens O factor de segurança como elemento de base é um trunfo fundamental que o grupo oferece ao indivíduo, o qual não se pode desenvolver sem um mínimo de autoconfiança. Se esta faltar, estamos perante um caso de involução, isto é, de um comportamento que se caracteriza por uma tendência para embaraços e dificuldades, em que se podem observar formas regressivas e inadequadas (neuroses).

Uma boa prova do equilíbrio dum indivíduo é a faculdade que este tenha de se dar e de se servir, é a alegria que ele procure no grupo e ainda a expressão do seu poder criador, ou seja, o seu poder de expressão aos mais elevados níveis (sociedade, estética).

(Continua)

(Adaptado de Training Formation, *publicado pela Secretaria Mundial do Escotismo).*

O Escotismo e a Religião

Continuação da pág. 1

IRRELIGIÃO.

Inculca-se agora o ateísmo aos jovens.

A irreligião é agora dominante.

A religião é essencial para a Felicidade.

«27 ANOS COM BADEN-POWELL»
Religião (pág. 43-45, 55 e 60)

A primeira promessa que eles fizeram ao reunir os escoteiros era a de cumprirem os deveres para com Deus.

O Chefe era, por baptismo e educação, membro da Igreja Anglicana e um praticante do Cristianismo.

Porém, ao fundar os Movimentos Escotista e Guidista, deu-lhes sólidos alicerces. Eram as primeiras organizações para jovens que não estavam expressamente ligadas a uma ou outra forma de crença religiosa. As suas próprias bases eram religiosas. Desde os seus primeiros tempos, o Escotismo não era, por conseguinte, nem denominacional, nem não-denominacional, mas interdenominacional, *aberto a todos os rapazes que queiram assumir a promessa do cumprimento dos deveres para com Deus.*

«O ESCOTISMO À RODA DO MUNDO»
Religião (pág. 66, 190, 219 e 221)

O Movimento Escotista não visa a enfraquecer, mas, pelo contrário, a fortalecer a crença religiosa individual.

A política religiosa do Movimento Escotista foi traçada em largas e firmes linhas e obteve a aprovação dos dirigentes religiosos, não só na Grã-Bretanha mas também em muitos outros países.

«GUIA DO ESCOTEIRO», de Velho Lobo (Almirante Benjamim Sodré) — BRASIL

Página 65: «Prometo, pela minha honra, cumprir meu dever para com Deus e minha Pátria».

Capítulo XIV — Religião (pág. 384).

Baden-Powell: «Se estás realmente disposto a abrir teu caminho a criar a tua felicidade, deves dar à tua vida uma base religiosa.

A religião, em poucas palavras, significa:

1. Reconheecr Deus.
2. Dar o melhor destino possível à vida que Ele nos deu.

Nenhum homem pode ser útil a si mesmo e aos outros se não crê em Deus e não obedece às Suas leis. É necessário, portanto, que cada escoteiro tenha uma religião».

«NOTAS PARA CHEFES» — BRASIL

Pág. 25: Orientação religiosa

Esse assunto, portanto, demanda muita atenção por parte dos Chefes, que devem guiar-se pelas seguintes normas:

a) é desejável que todo o escoteiro tenha uma religião e que siga fielmente os seus preceitos (...)

«PARA SER ESCOTEIRO» — BRASIL

Pág. 21: «Prometo pela minha honra fazer o melhor possível por:

Cumprir meu dever para com Deus e a minha Pátria».

Pág. 51 — Deveres para com Deus.

Em primeiro lugar, deves saber que o Escotismo não é possível sem religião. Um menino sem religião não pode ser escoteiro.

«LE SCOUTISME» — Sévin

III — Lugar da religião no Escotismo (pág. 26)

A Religião é a própria base do Escotismo, visto que o Escotismo é método que visa a formar homens completos e nunca esteve no espírito do Fundador que um homem pudesse ser completo sem o essencial. «O homem não terá grande valor, — disse ele algures — se não crer em Deus e não obedecer aos Seus mandamentos».

A Religião é a única coisa de que o Escotismo não pode prescindir.

Uma organização como a nossa careceria de finalidade se não desse a conhecer aos rapazes a religião (B.-P., *Scouting for Boys*, pág. 309)

DEIXAI (OS CHEFES) ENSINAR OS OUTROS ANTES E SOBRETUDO COM O EXEMPLO (isto é, influenciar para o bem os jovens que pouco conhecem acerca de Jesus Cristo) e, em seguida, por todos os outros meios à sua disposição e, de acordo com os seus métodos de educação, fazerem compreender, dentro do ponto de vista católico, que necessariamente a verdadeira alegria de viver não pode ser alcançada através de prazeres estéreis e danosos, mas servindo a Deus nas coisas simples e boas, em jogos que não sejam nocivos, mas sim recreativos, no gosto pelas belezas do mundo natural, mesmo durante os monótonos deveres da escola e oficina, nas duras tarefas dia a dia levadas a cabo, para manter e fazer crescer a graça de Deus neles próprios, embora isso lhes custe trabalho e sacrifício.

QUE VAMOS FAZER COM A CRIANÇA

Continuação da pág. 1

campainha da porta de sua residência. Nem as casas, nem os móveis, nem os transportes são feitos com o pensamento na criança. O mais grave, porém, é que o ambiente que as cerca, as atitudes constantes do adulto, as imagens, tudo se desenvolve na sua completa ignorância não lhe permitindo correcta observação.

Na defesa dos direitos da criança, poderemos acompanhar Paul Adams e com ele exclamar: «Se realmente desejamos uma sociedade adequada para as crianças — que seja adaptada a estas, e não estas àquela —, teremos de lutar contra a guerra, contra a pobreza, contra a maternidade sem recursos, contra a ignorância e o racismo». E poderemos concluir com o mesmo autor, que «a sociedade é um contexto em que as crianças crescem e o lugar por onde se devem principiar as considerações acerca dos direitos da criança na família».

Mas a formação da criança não depende menos dos actos de violência que diariamente exibimos, da tirania com que reagimos às suas faltas, como respondemos às suas interrogações, como nos relacionamos com elas na rua, como respeitamos os seus direitos no autocarro, na vida de cada dia. Não será demasiado socorrer-nos uma vez mais da flor como imagem da criança. A floricultura consegue obter exemplares maravilhosos, de rara beleza, de vigorosa pujança, de cores admiráveis, cuidando do ambiente que cerca a planta, evitando todos os contactos que possam prejudicar o seu desenvolvimento.

Em face da criança, o adulto terá de proceder como o floricultor com a planta. A criança tem em si própria todas as potencialidades essenciais à vida. Na sua encantadora fragilidade, oculta embrionariamente todos os recursos para alcançar um desenvolvimento vital e harmónico entre o corpo, a mente e o espírito. Para garantir o seu normal crescimento, há que lhe preparar ambiente propício. Esse ambiente é da responsabilidade do adulto através do exemplo, dos seus cuidados e atenções, porque, como faz notar Montessori, a criança observa os actos do adulto, quer conhecê-los e produzi-los. É exactamente no desempenho desta responsabilidade que o adulto constantemente falta ao seu dever.

Teremos de reconhecer que nem sempre o adulto está preparado para o devido desempenho da missão de inspirador das atitudes infantis. Há, no entanto, uma fórmula mágica que consegue superar muitas deficiências — é o amor. A criança deve ser querida, estimada, tratada com tanto mais carinho quanto maiores forem as suas carências. O amor à criança poderá proporcionar-lhe ambiente propício ao seu desenvolvimento sem frustrações, que estão sempre na origem dos desequilíbrios da idade adulta.

E. R.

O TRABALHO DE GRUPO (3)

por ADOLFO ARISTEGUIETA GRAMCKO

(Continuação do n.° 389)

O GRUPO. A SUA ACÇÃO E CARACTERES

Prosseguindo com o nosso raciocínio, concluiremos dizendo que o grupo serve para alguma coisa e é determinado por alguma coisa: é determinado por uma carência de segurança. A rotura com ele, a exclusão da comunidade são sempre acompanhadas dum sentimento de angústia originada pela insegurança que a quebra desse vínculo implica. Observamos este facto em toda a história do homem, quando estudamos as suas reacções perante a separação e suas consequências.

O indivíduo agrupa-se porque é este o meio que tem de assegurar a segurança interior essencial ao seu desenvolvimento. O crescimento não se deve apenas à ingestão de alimentos de origem animal, vegetal ou mineral. Exige também uma dose de afeição, um sentimento de comunhão que se traduzem por uma sensação íntima de bem-estar e de segurança. O indivíduo agrupa-se para garantir a sua segurança e para crescer. Quando uma fase de desenvolvimento num determinado grupo se completa, ele procura outro grupo com outras características, mas sempre diligenciando ganhar a segurança indispensável ao seu crescimento, mesmo que, para o adulto, crescimento se chame criação e realização.

Se tivermos compreendido este fenómeno, também melhor entenderemos a importância do grupo enquanto base metodológica do escotismo e ficaremos preparados para o reconhecer, para dele nos servirmos.

Antes de mais nada, é preciso saber que cada grupo tem leis e dinamismo próprios que não mudam durante a sua evolução.

1. Todos os grupos desconfiam do mundo exterior, todos receiam ser modificados, transformados ou aniquilados, o que justifica a criação das cerimónias de integração, de provas, etc., graças às quais o grupo se dá a conhecer ao estranho que se lhe quer juntar. O estranho é submetido a uma análise e colocado ao lado de outros que desejam assegurar-se, antes de mais nada, de que isso não envolve qualquer perigo para a existência e segurança do grupo e dos seus membros. Este o motivo por que há que compreender melhor a razão das provas que precedem a promessa e a investidura. Dois objectivos são visados: *a)* o próprio grupo; *b)* o próprio indivíduo que é admitido. É a comprovação de que ele possui certas qualidades e é um sinónimo de progresso, visto que vale mais, em princípio, pertencer que não pertencer.

2. O grupo comporta-se sempre como um todo face aos outros grupos, aos elementos e às circunstâncias externas.

3. Um grupo conserva naturalmente a estrutura, que jamais deve ser modificada artificialmente ou negativamente. As modificações da estrutura interna do grupo devem ser determinadas pelas circunstâncias, isto é, logo que o grupo tenha sofrido modificação que exija e permita essa transformação.

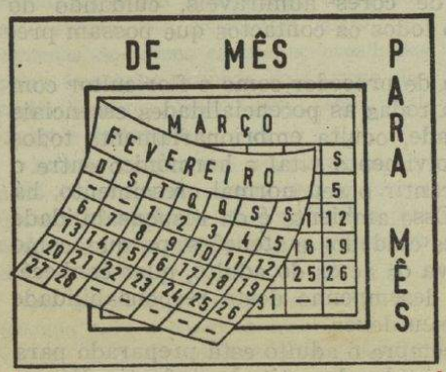
O grupo rejeita automaticamente as modificações impostas e não aceita as que pareçam vir do exterior, a não ser que o fenómeno exterior não seja senão a satisfação duma carência interna subjacente.

4. Qualquer grupo evoluciona num determinado sentido. Tem sempre uma finalidade, um objectivo, para o qual orienta a actividade. Toda a energia desenvolvida para atingir esse fim tem, por sua vez, influência na estrutura da personalidade dos membros do grupo, no seio do qual tende-se a dar satisfação aos sucessivos graus de desenvolvimento do indivíduo. É isto que explica a desintegração dos grupos. Estes desagregam-se não simplesmente porque atingiram o seu fim, mas sobretudo porque os membros evolucionaram e já não têm necessidade deles. Perderam a sua razão de ser.

Na evolução dum grupo há sempre três frases distintas: a integração, o desenvolvimento, a dissolução. Não nos devemos alarmar ao vermos dissolverem-se os grupos ou quando verificamos que não se mantêm no máximo do esplendor. Porém, temos motivos para nos inquietar quando um grupo não seja capaz de impulsionar os membros na via da maturidade.

5. Um grupo tem tendência para classificar os membros segundo a capacidade de serviço e a utilidade para o próprio grupo. Os mais experimentados, que são muitas vezes os mais antigos, são os mais respeitados, o mesmo acontecendo com os mais corajosos, mais audaciosos ou mais activos. A consequência de toda esta diferenciação é o aparecimento de guias natu-

Continua na pág. 6



MOVIMENTO



O Escotismo é Movimento. Não é um organismo nem uma organização. O facto de ser Movimento exige acção constante, preocupação pela manutenção de actividade, de constante esforço pela realização de um programa que visa a formação da juventude para melhor servir a Pátria, no nosso caso por melhor servir Portugal.

É por isso muito de louvar a regularidade com que o CNE promove a realização dos seus acampamentos nacionais. Um acampamento nacional é o momento de expressar o progresso obtido nos agrupamentos que nele participam. É a cúpula de toda a actividade. É a prova de que existe actividade. Onde a rotina, tal como a ferrugem, corrói as estruturas, não é possível promover o encontro anual dos grupos de escoteiros.

O CNE está de novo o promover a realização do seu « Nacional ». Sinceramente lhe desejamos todo o êxito, com votos de que tal actividade seja a afirmação de que o Escotismo é realmente Movimento.

SEMPRE PRONTO — Propriedade da Aliança Nacional das ACMs de Portugal

(CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA)

Director e Editor — **Eduardo Ribeiro**
Director Adjunto — **Joel Ribeiro**
Administrador — **José Eduardo Pena Ribeiro**

EQUIPA DE REDACÇÃO:
A. C. Lapa Conde
Ernesto Clímaco do Nascimento

EQUIPA DE ADMINISTRAÇÃO:
Capitolino Ferreira Macedo
Luís Garcia

Número avulso: 7$50 — Assinatura anual: 75$00